

Marcel Franco Lopes

Árvore: uma perspectiva
historiográfica

Curitiba

2020

Árvore: uma perspectiva historiográfica, por LOPES, Marcel Franco

Marcel Franco Lopes¹

Árvore: uma perspectiva historiográfica

Curitiba
2020

¹ Nascido em 18 de novembro de 1987, em Curitiba. É casado, graduado bacharel (2014) e licenciado (2018) em História pela Universidade Tuiuti do Paraná. Autor do e-book: *O plano imperfeito* (2020).

LOPES, Marcel Franco. *Árvore: uma perspectiva historiográfica*. Curitiba, 2020. Pgs. 80.

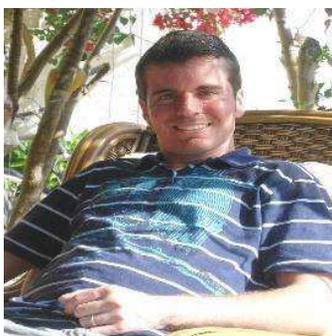
1. Linha do tempo
2. Origem versus contextualização
3. Escola dos Annales
4. Aumento da produção historiográfica
5. Conclusão 6. Referências.

Agradeço à Deus, primeiramente, por cada momento e pela capacidade de discernir e poder transformar realidades. À minha família pelo apoio incondicional e à minha esposa pelos conselhos e companheirismo de sempre.

Sumário

Sobre o autor	06
Apresentação	07
1. Linha do tempo.....	09
2. Origem versus contextualização	36
3. Escola dos Annales.....	43
4. Aumento da produção historiográfica	63
5. Conclusão.....	78
6. Referências.....	79

Sobre o autor



Marcel Franco Lopes

Nascido em 18 de novembro de 1987, em Curitiba. Formouse bacharel (2014) e licenciado (2018) em História pela Universidade Tuiuti do Paraná. Produziu alguns artigos e iniciou alguns livros sobre temáticas históricas: “*A grande História- uma análise historiográfica da história de cada um dos seres humanos*” (2018); “*Ruptura (s): A História dos processos de transição ao longo do tempo (sec. V ao XII; XIV ao XVI, até o sec. XXI)*” (2019); “*Historicizando: o ‘diagnóstico’ da compreensão do contexto histórico*” (2019); “*Histórias: a multidisciplinaridade do homem e o tempo*” (2019), entre outros. E na área de educação, o artigo: “*A poesia de ‘Gabriela Mistral’ e a pedagogia de Célestine Freinet*” (2018).

Apresentação

Na perspectiva pedagógica, o ensino de História costuma ser esquematizado por uma linha do tempo. Embora presente de maneira adequada a disposição dos acontecimentos através da linearidade, na perspectiva historiográfica no que tange ao contexto factual, fica omissa. Nesse sentido, a árvore e sua ampla relação com a terra, apresenta, mediante suas raízes, as múltiplas facetas relacionadas ao contexto histórico.

De maneira semelhante, embora em consonância com a linha do tempo, seu tronco apresenta a linearidade cronológica, no que tange à disposição constante dos fatos como produtos e fatores determinantes para novos fatos.

Suas ramificações superiores, os galhos, dizem respeito às consequências dos eventos, também sob a ótica interdisciplinar produto do movimento dos Annales, precisamente sua terceira geração.

O papel do exercício do historiador também pode ser explicado por essa analogia. Trata-se do fluxo de “mão dupla” que contrapõem, mas não divergem, a cronologia da posição

empática, isto é, da postura de compreensão, do colocar-se no lugar do outro, que o historiador precisa para não cometer anacronismo.

Embora apresente uma perspectiva mais adequada à metodologia historiográfica, a árvore deve estar limitada à compreensão do historiador ou do acadêmico de história. Se aplicada à escola, esta analogia complicará a compreensão dos alunos, além de obstruir o fluxo multidisciplinar necessário para o processo de educação escolar.

Portanto, esta obra está direcionada à historiadores, bacharéis e licenciados e acadêmicos da área.

Mesmo assim, ainda não contempla a teoria definitiva, tratando-se, portanto, de um esboço metodológico a fim de melhorar as formas de compreender a complexidade histórica.

O autor.

1. Linha do tempo

Por muitos anos ela tem representado a cronologia dos eventos históricos que se deve compreender, a fim de que se possa entender a história do mundo. No entanto, embora a linearidade faça referência à continuidade dos eventos e do próprio mecanismo da vida, não se pode considerar como metodologia sólida no que tange à compreensão historiográfica.

Enquanto estava vigente o positivismo, no século XIX, o objeto histórico era o próprio tempo, como se fosse o responsável pelo que acontecia ao redor do mundo ao longo da história.

No entanto, alguns aspectos que, hoje, nos parecem essenciais para compreendermos nossa própria história, ficavam à mercê do esquecimento científico. Vale lembrar, nesse sentido, que a história passou a ser considerada como ciência nesse período, anteriormente, não se atribuía a credibilidade necessária para estudá-la a fundo.

Mesmo assim, a linha do tempo foi empregada como portadora da explicação mais científica a respeito de como se deve compreender a história. Por outro lado, não entra no mérito

da origem dos eventos, não contextualiza, como se deve, cada fato.

Por muitos anos, em virtude da historiografia positivista, restringiu-se à compreensão histórica ao passado. Basicamente, uma maneira grosseira de compreendê-la. Até o século XIX, os estudos historiográficos priorizavam a temporalidade como característica fundamental para se compreender determinado evento, uma espécie de “factualidade”.

Não se tinha como objetivo compreender as razões que formaram os eventos históricos, estudava-se sempre relacionando ao tempo histórico, como eventos isolados cronologicamente. Nessa perspectiva, a linha do tempo traz a vaga concepção brevemente mencionada no tópico anterior, isto é, de que se trata de uma metodologia vaga para se compreender o fato histórico em virtude de suas múltiplas características de origem e “finalidade” presentes.

Mas, a partir da Escola dos Annales, na década de 1920, passou-se a uma nova maneira de compreender a História.

Deixou-se a temporalidade enquanto “motor” responsável pela compreensão, passou-se à compreensão da

interdisciplinaridade e do homem, e não mais o tempo, enquanto agente histórico.

Por essa razão, não se fala em “linearidade” histórica quanto à origem ou finalidade dos eventos históricos. Por outro lado, para se compreender a importância de cada evento, já incluso seus subprodutos factuais, é preciso estar ciente da presença da “linearidade” histórica. Cada momento é produto do passado, mesmo que, aparentemente, nada tenha a ver com nossa realidade, são, na verdade, fortes indicadores das constantes transformações que sofremos na Contemporaneidade.

De maneira linear, compara-se a uma “corda” que, à medida em que se passam os dias, mais tensionada fica, isto é, mais se sente o impacto das escolhas que fazemos enquanto sociedade, para impactar diretamente em um futuro próximo.

À medida em que se compreende o homem como agente histórico, se passa a perceber que, conforme se passam as décadas, mais influentes se tornam as decisões políticas tomadas por pessoas que estão “infinitamente” distantes, mas próximas o suficiente para transformar diretamente nossa própria realidade.

Portanto, a linearidade presente na linha do tempo deve ser compreendida como um processo de continuidade, à medida em que representa as influências diretas e abrangentes das escolhas feitas ao longo do tempo.

A temporalidade empregada enquanto metodologia de ensino: “Pré-História”, “História Antiga”, História Medieval”, “História Moderna” e “História Contemporânea”, nada mais são do que classificações didáticas para que se possa compreender as transformações ao longo do tempo.

O estudo historiográfico hoje vai além da aplicação de uma linha do tempo para compreender os fatos históricos e seus contextos. Embora, já há algum tempo, a História deixou de ser positivista, ou seja, de estar simplesmente vinculada à datação cronológica, passando a estudar o antecedente dos fatos, hoje em dia, tal estudo pode ser ainda mais aprofundado na medida em que, se levarmos em conta a área neurológica da medicina, e nela, estudarmos a estrutura do sistema nervoso, é possível fazermos uma analogia teórica com a própria estrutura dos fatos históricos, além de podermos nos fundamentar na memória, já estudada por nós, historiadores.

Assisto de maneira fidedigna o canal “*History Channel*” e seu complementar “*H2*”, recentemente, vi um documentário chamado “A Grande História” que traz uma noção, pelo menos teórica, de que, na verdade, os acontecimentos históricos podem ser distribuídos em uma imensa rede que se interliga, levando-se em conta não só os fatos em si, mas suas consequências, da mesma forma como o sistema nervoso humano funciona. Assim, não seria mais plausível procurar entender a história de cada um, antes de se construir uma história social?

É por meio da externalização do conhecimento que se faz possível compreender o desenvolvimento da História desde os primórdios. Cada um de nós traz consigo um “emaranhado” de fatos que compõem nossa própria história. Nessa perspectiva, a memória torna-se uma das principais ferramentas que auxiliam na (re) construção dos fatos. Embora esteja sujeita ao esquecimento, ela ainda traz da maneira mais próxima possível, a releitura do fato.

Outro aspecto é que sempre se constrói uma análise pessoal, particular e, por assim dizer, sempre passível de uma releitura,

anulando, quase que por inteiro, rotulações de “errado” e “certo”. A historiografia não trabalha com esse tipo de julgamento, uma vez que é uma análise pessoal, e temporal, transformando-se ao longo do tempo.

Mesmo assim, “A Grande História” procurou mostrar uma leitura “comum” à todas as épocas da humanidade, tal como, por exemplo, as de cunho político, cujo prevalecimento de uma característica semelhante por um longo tempo pouco transformou as características da sociedade.

A historiografia tradicionalmente passada para nós é a europeia, ou seja, a dominante, a vencedora. Por isso mesmo, a História será sempre permeada por uma análise sob determinado aspecto e cuja mudança de ponto de vista, altera uma análise teórica. Portanto, jamais se verá uma “história definitiva”, enquanto houver, muitas vezes, interesse, ela estará sujeita à reescrita.

Em relação à história de cada um de nós, a interdisciplinaridade com o jornalismo, porque trata-se de um conjunto de relatos que queremos “recuperar” no tempo, a biografia dá conta não só de nos apresentar uma história pessoal, mas o contexto histórico vivido pelo personagem histórico. Cada

um de nós somos responsáveis pela construção da história, seja da nossa própria, seja da humanidade. Mesmo que, em grande parte dos fatos, não sejamos personagens influentes no seu curso, somos contemporâneos a eles. Ou seja, sofreremos, seja direta ou indiretamente, suas consequências, por isso, é de relevada importância que participemos, mesmo que seja como conhecedores de suas repercussões, para que não fiquemos alheios àquilo que nos permeia e nos direciona no modo de viver. Nesse sentido, os fatos históricos em si, são complexas estruturas históricas, cuja importância está assinalada em suas consequências ao longo da História. São como os neurônios, cujas diversas ligações, os canais transmissores dos impulsos nervosos, são como o contexto histórico necessário para se compreender os fatos.

Uma “rede” interligada

Esta análise proposta pela série “A Grande História” do canal pago *The History Channel* pressupõe os acontecimentos interligados por meio de uma imensa rede conectada a um ponto

em comum sendo este, como não poderia ser diferente, um aspecto essencialmente característico de nossa sociedade: econômico, social, cultural, político, etnográfico, entre outros. Por isso, temos sempre de ter o cuidado ao analisarmos as fontes, porque elas sempre contemplam o ponto de vista daqueles que estão contando a história, mas que, não é fundamentalmente, “os donos da verdade”. Nesse sentido, esta rede interligada amplia-se a cada dia em razão da diversidade de acontecimentos que, só temos conhecimento, graças ao trabalho jornalístico e da proliferação da internet enquanto rede de distribuição das notícias a nível mundial. Mas, que apesar disso, sempre terá aquilo que estará perdido ou esquecido, assim como o esquecimento ao qual está sujeito a memória.

Assim, a memória, tal como acontece com algumas transmissões que se perdem no sistema nervoso, falha nos momentos de armazenar e relembrar os fatos, tais como aconteceram. Isso se deve não só pela falha da memória, mas pela impossibilidade de estarmos presentes em todos os fatos e pela particularidade de nossas observações, tornando a (re) escrita da História sempre necessária e a diversidade de temas cada vez mais ampla. Por isso, tal analogia com o sistema nervoso é ainda

mais adequada, uma vez que tal infinidade de temas são como as infinitas ligações ocorridas no sistema nervoso. Essencialmente, cada um de nós é incompreensível, por carregar em nossa genética uma infinidade de combinações, possibilitando-nos não só evoluirmos material e sociologicamente mas continuarmos ainda mais ávidos pelo conhecimento, que se revela inesgotável.

Mesmo assim, é fundamental que se deixe a “linha do tempo” como uma metodologia para trazer uma análise superficial. Pois, a nível científico, é fundamental a compreensão da História como ela realmente acontece, profunda e velozmente transformadora de nossa realidade mundial.

Essa análise não se aplica somente ao sistema nervoso, mas à fisiologia do ser humano, como um todo. Levando-se em consideração cada tecido do corpo, compara-se à cada tema histórico, ou seja, são pequenas ligações que são fundamentais para se compreender a História como um todo.

A era digital na Pós-Modernidade

Vivemos, atualmente, na era pós-moderna, período pelo qual passamos inúmeras transformações tecnológicas, de modo a,

pelo menos teoricamente, depender e/ou escravizar a mão-de-obra humana. Questões temporais, tais como a “noção de tempo”, estão cada vez mais sujeitas à rapidez com que o tempo passa, tendo a nítida sensação de que os dias estão cada vez mais curtos. Embora isso não ocorra na prática, o volume de atividades exercidas pela sociedade está cada vez mais acentuado, uma vez isto acontecendo, a tendência é que nos tornemos escravos de nossa própria rotina, motivados pela “positividade” dos resultados, mais em quantidade do que em qualidade. Mas por que? É possível enumerar duas grandes razões:

A primeira diz respeito ao barateamento da mão de obra, necessária para que não se deixe de investir nas novas tecnologias e no melhoramento da produção. Segundo é o barateamento do material utilizado, isso já vem ocorrendo desde, pelo menos, os anos 80. Por exemplo, a fabricação de veículos automotores anteriormente, utilizava materiais mais resistentes, tais como ferro, na confecção de sua lataria, motores menos potentes, mas de maior durabilidade, ou seja, a manutenção era menos necessária.

Outro exemplo está nos eletrodomésticos, também anteriormente fabricados com a utilização de ferro e/ou

derivados, para maior durabilidade, seja em relação ao uso, seja em relação ao tempo. Mas a lei de produção e consumo em vigor, exige que se aumente o volume produzido para saciar um mercado cada vez mais em ascensão, para, entre outras coisas, reduzir a desigualdade entre as classes. Por isso, investiu-se mais em menor custo/benefício e mais produtos em menor tempo, para conseguir sempre atingir e superar a meta, atingindo com frequência, o excedente de produção. Isto ocorre porque, ao invés de reaproximar as classes, economicamente falando, a pósmodernidade salientou ainda mais as diferenças, uma vez que estamos diante de um mercado de trabalho cada vez mais afunilado, ou seja, menos vagas e mais qualificação profissional. Desse processo, surge outro grande embaraço, e quanto aos jovens que buscam o primeiro emprego? Em relação a esse mercado, abriram-se cursos técnicos e profissionalizantes e reduziu-se o investimento pessoal e profissional nas universidades, novamente em razão do tempo. Àqueles, preparam de maneira suficiente em bem menor tempo e, o que é mais interessante para os jovens, custam bem menos,

dependendo do curso escolhido em comparação ao curso universitário.

Acompanhando a essas transformações, as novas tecnologias NTIC'S, proporcionam conforto e facilidade quando se busca empregos nas diversas áreas, e também a nível estudantil, com a diversidade de sites utilizados para pesquisa. Além da internet, outros meios tecnológicos utilizados na comunicação, como celulares, telefones fixos, entre outros, também se modernizaram. Está no fluxo constante e inovador, o fato de se inovar sem repetir investimentos passados, que a Modernidade se torna sempre uma novidade e, por isso, adorada e admirada, principalmente entre os mais jovens.

No entanto, ao mesmo tempo em que ela é encantadora, é também destruidora. Pois, à medida em que a tecnologia aproxima as pessoas, inovando a lista de contatos e, em alguns casos, construindo famílias inspiradas à distância, antigas tradições familiares, como “apresentar o (a) cônjuge aos pais dele (a) antes do namoro e, estruturar-se devidamente antes do casamento” estão cada vez mais rareando em nossa sociedade. Mais uma vez, não se tem mais tempo para honrar tradições culturais, é preciso remodelar os modos de se construir relações

duradouras e “sadias”. Por isso, tradições como “batismo” e “casamento” têm a tendência de serem influenciados em curto prazo por esse “lapso” de transformação globalizado e avassalador.

A interdisciplinaridade como tendência acadêmica

Embora seja uma metodologia recente, a interdisciplinaridade contribuiu, consideravelmente, para a inovação científica. Em relação à História, por exemplo, já não se produz historiografia olhando-se apenas com “olhar histórico”.

Tal análise tem uma “multifacetada” conjuntura de análises teóricas que, embora se divirjam da História enquanto área do conhecimento, estão intimamente relacionadas, uma vez que seu agente transformador é o mesmo, ou seja, o homem.

Deste modo, é cada vez mais corriqueira a produção de análises historiográficas feitas por profissionais que não estudaram História na universidade, mas não deixam de ser profundamente apaixonados por ela. Não cabe enumerar, mesmo que em poucos exemplos, os autores ou as obras que ilustram este